



A PESQUISA EDUCACIONAL E O MEU DIAGRAMA DO CONSTRUCTO

EDUCATIONAL RESEARCH AND MY CONSTRUCT DIAGRAM

Edilson Fernandes de Souza¹
edilson.souza@ufpe.br

Resumo

Trata-se dos procedimentos de uma tese para efeito de promoção na carreira da Classe E, Professor Titular, na Universidade Federal de Pernambuco, cujo objetivo era compreender as principais tensões e percalços de uma trajetória de vida articulada à formação humana e profissional, e as evidências possíveis no processo de mudança e transformações: as *transmigrações*. Como base nos autores Certeau (1998), Alheit (2011), Saviani (2006) e Delory-Momberger (2016), e a partir de um *corpus* documental analisado no estudo autobiográfico, a investigação teve como um dos resultados a estruturação do diagrama do constructo do “eu” fonte; composto por seis arquivos interconectados ao que foi chamado de “proprietário” do constructo, personagem central da construção narrativa, ou seja, o autorretrato, em que o sujeito-objeto se confundem para a produção de novo conhecimento.

Palavras-chave: Memorial. História de vida. Arquivos. Professor Titular.

Abstract

These are the procedures of a thesis for the purpose of promoting the career of Class E, Full Professor, at the Federal University of Pernambuco, whose objective was to understand the main tensions and setbacks of a life trajectory linked to human and professional training, and possible evidence in the process of change and transformation: transmigrations. Based on the authors Certeau (1998), Alheit (2011), Saviani (2006) and Delory-Momberger (2016), and from a documentary corpus analyzed in the autobiographical study, the investigation had as one of the results the structuring of the diagram of construct of the source “I”; composed of six files interconnected to what was called the “owner” of the construct, the central character

¹ Doutor, Universidade Federal de Pernambuco.

of the narrative construction, that is, the self-portrait, in which the subject-object are confused to produce new knowledge.

Keywords: Memorial. Life's history. Files. Professor.

Introdução

O presente artigo é proveniente da pesquisa intitulada *À Luz do Candeeiro e o Construto do “Eu” Fonte: educação pela arte, ciência e política*; tese autobiográfica defendida para a promoção à Classe de Professor Titular na Universidade Federal de Pernambuco, em 2020.

Em uma das seções do texto original, fiz uma pequena revisão de literatura acerca da (auto)biografia para mostrar ao leitor como diferentes autores têm se comportado diante das múltiplas possibilidades de interpretação e execução de um método. A revisão consistiu em artigos, livros, dissertações e teses, e tratei de responder o seguinte questionamento: *Qual a percepção que tenho da minha trajetória de vida desde as séries iniciais à universidade, envolvendo o campo artístico, acadêmico-científico e as disposições políticas daí decorrentes entre 1975 e 2020?*

Como qualquer tese, apresentei, ainda, hipótese, quadro teórico e documentação que serviu de evidência junto às gravações e registro das recordações. De modo que, os aspectos gerais dos procedimentos da tese já foram devidamente publicados em um periódico especializado, ambiente em que trato das razões do tema de pesquisa, as inspirações e diferenciação entre memorial e tese para a promoção de uma carreira universitária (SOUZA, 2020a).

Destarte, para efeito da publicação que motiva o dossiê que suporta o presente texto, atendo-me à apenas um dos muitos aspectos dos procedimentos utilizados no estudo original, ou seja, vou tentar explorar um pouco mais um dos resultados da própria tese, descoberto por um *insight*, momento em que tive a necessidade de dizer, mostrar iconograficamente, como havia confeccionado aquilo que Wright Mills (1982) chamaria de Artesanato Intelectual. Então, um dos resultados da tese virou composição e complemento de seu título: Diagrama do Constructo do “Eu” Fonte.

Posso garantir que não consigo enxergar uma grande inovação nessa ideia de constructo, até porque não sou especialista em metodologia da pesquisa, e muito menos um orientador que insiste para que seus orientados repliquem suas ideias para dar visibilidade ao trabalho que realiza na pós-graduação, mesmo considerando o trabalho de orientador como

arte (SOUZA, 2009). Mas, vejo, isto sim, esse constructo, como uma possibilidade de organizar o pensamento de quem pretende iniciar uma investigação sobre o outro ou sobre si mesmo; uma possibilidade de refúgio ou encontro das evidências, podendo ser compreendido como uma técnica ou um método a ser explorado.

Seja como for, uma técnica ou um método, a ideia que subjaz a elaboração do constructo, diz respeito às reflexões de Elias (1998) sobre envolvimento e distanciamento, no meu caso, como lidar com o turbilhão das emoções no caos que foi fazer uma pesquisa de autorretrato e, ao mesmo tempo, interpretar de forma distanciada, uma vasta documentação produzida sobre a minha própria vida. Isto posto, o constructo permite dois movimentos opostos e complementares, sendo: a documentação produzida e manuseada pelo próprio indivíduo; e a análise das evidências ali contidas, a partir de um quadro teórico capaz de suscitar uma interpretação mais condizente com a realidade social de uma determinada pessoa durante a sua trajetória.

O diagrama de que trata este artigo, foi inventado e colocado no estudo original em 2019, e não sofreu nenhuma alteração desde de que foi pensado para representar graficamente a dispersão e a unicidade de um indivíduo. Ao caminhar para o fechamento da tese (Souza, 2020), tive a necessidade de mostrar, sinteticamente, a maneira com que havia mobilizado o *corpus* documental para a análise e interpretação da minha trajetória. Contudo, sei que não é uma grande invenção intelectual, como já disse, mas, tenho consciência de que se trata de uma modesta inovação em pesquisa de natureza (auto)biográfica; de como é possível organizar a dispersão das evidências acerca de uma trajetória de vida, podendo, inclusive, contribuir para outros docentes que estejam nas proximidades da promoção na carreira de Professor Titular, necessitando, portando, da elaboração de um memorial.

A dispersão a que me refiro, diz respeito ao que foi deixado nos lugares por onde o indivíduo transitou, seja no campo familiar, interpessoal, profissional, institucional etc., onde falas, discursos, ofícios, podem constituir um *corpus* documental e servirem de fontes para análise de uma trajetória; evidências da passagem de um indivíduo ou grupo por um determinado lugar e tempo específicos. Logo, o diagrama do constructo é uma das formas de classificar as fontes sobre a pessoa (auto)biografada.

Ao manusear o diagrama, especialmente da maneira como exibido mais adiante, o meu intento foi baseado, também, nas reflexões de Marques e Satriano (2017), para quem os procedimentos em pesquisa devem sofrer validade científica, principalmente quando o estudo

é uma narração do pesquisador sobre si mesmo, o que chamei de autonarração. Essas reflexões decorrem do fato de que as Ciências Humanas e Sociais, para as autoras, já têm tratado do campo em que os pesquisadores analisam a sociedade em que estão inseridos, analisam, interpretam e procuram resolver os problemas de seu tempo.

Marques e Satriano (2017) também advertem para o fato de que, diante de um estudo onde o pesquisador fala de si mesmo, é preciso fazer escolhas entre os muitos autores e teorias para estabelecer um diálogo, possível de realizar as devidas interpretações dos afetos, emoções e motivações, caso contrário, é impossível a produção de novo conhecimento.

Contudo, o que está de forma explícita no diagrama objeto deste artigo, é a ideia do indivíduo enquanto fonte de si mesmo ou alguém que o utiliza com a finalidade de analisar a trajetória de outros indivíduos; “[...] já que a lembrança conserva os traços do período ao qual se reporta, este só foi lembrado talvez, porque havíamos vislumbrado esses traços, e pensado no tempo em que o acontecimento se realizou” (Halbwachs, 1990, p. 101). Esse fato não é muito difícil de compreender, uma vez que no campo da educação, por exemplo, temos várias pesquisas que se utilizam de entrevistas e outros documentos de memória acerca de determinadas problemáticas, e o constructo aqui referido é uma forma de visualizar uma documentação sob análise.

Por conseguinte, o constructo, também, é a tentativa de materializar graficamente o indivíduo enquanto centro de informações de vários tipos, seja a partir de sua oralidade, seja porque produziu algum documento sobre si. Além disso, o constructo pode abarcar documentos que, por alguma razão, foram produzidos e guardados em outro lugar sobre o indivíduo em estudo. Há de se levar em consideração, no entanto, que essa documentação sobre si ou sobre outro está dispersa; e se desprende durante a trajetória de vida; logo, o constructo é a busca da reconstrução da unidade.

Nesse contexto, este artigo tem apenas um plano de redação, cuja proposta enfatiza um elemento essencial para o trabalho de autorretrato ou retrato do outro, onde tento expressar uma modesta iconografia dos arquivos mobilizados para corroborar aos episódios narrativos durante as minhas recordações, conforme Delory-Momberger (2016), onde o indivíduo explicita, a partir de evidências, momentos significativos de sua trajetória.

A Representação das Memórias

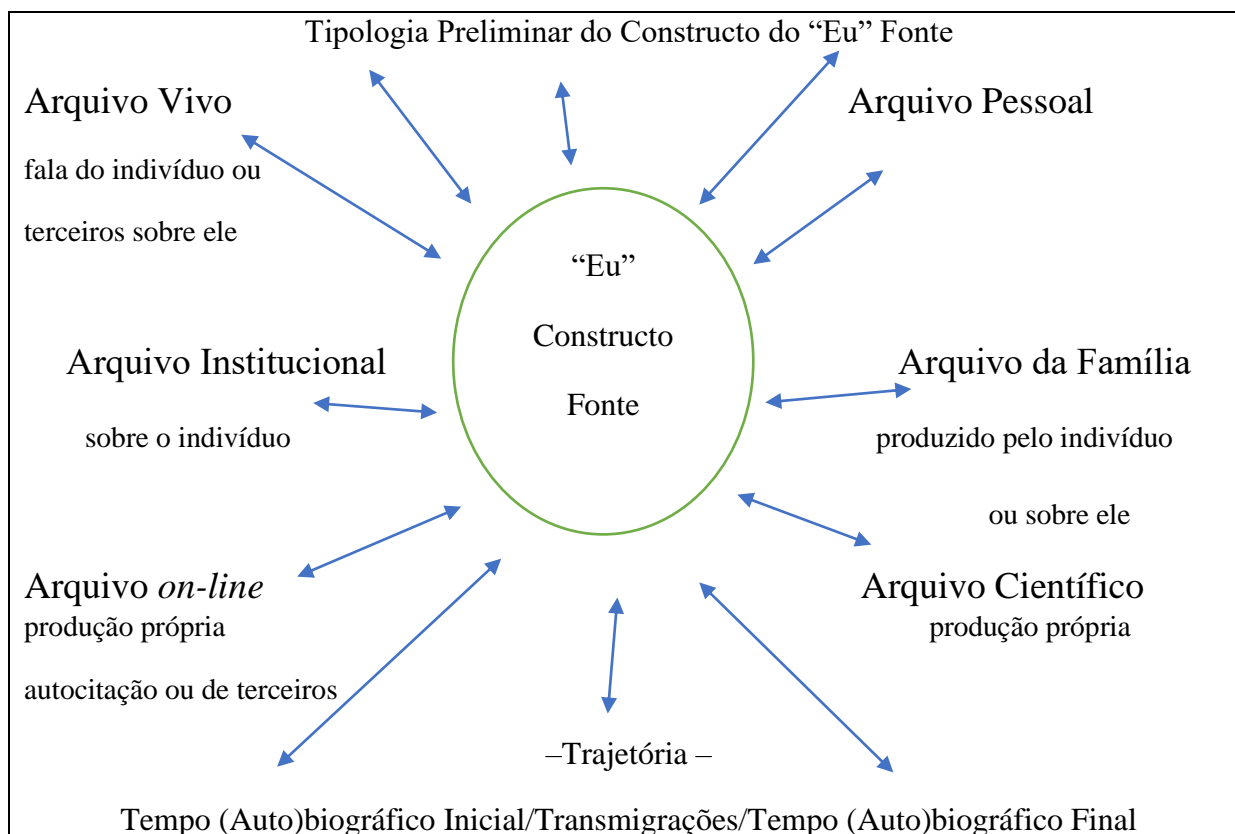
Considerando que “[...] não reconstituímos o quadro temporal senão depois que a lembrança foi restabelecida e então somos obrigados, a fim de localizar a data do acontecimento, dele examinar em detalhes todas as partes” (Halbwachs, 1990, p. 101), todo o indivíduo que pretende escrever sobre si ou sobre o outro, necessariamente, terá que arcar com uma busca quase incessante das memórias, que podem estar em vários lugares e tempos diversos.

Desse modo, o constructo do “eu” fonte, expressão deste artigo, é a tentativa de escarafunchar diferentes objetos dispersos: papéis, livros, oralidades, fotografias etc., que guardam certos traços de memória sobre um determinado indivíduo. Esse é um dos procedimentos importantes, quando se pretende conhecer um pouco mais sobre alguém, ou, sobre si mesmo. É algo próximo ao que trata Certeau (1998), ao falar da organização de fontes documentais para conferir sentidos diferentes ao que foi produzido originalmente, e considerar que tais documentos foram produzidos a partir de algumas condicionantes sociais, culturais e econômicas. Foi pensando nesses elementos que pressupus o diagrama para demonstrar organização na análise documental que pretendia realizar na autonarração.

[...] ao reorganizar a minha própria dispersão, fui percebendo também o que já havia dito, escrito sobre algo ou alguém. Logo, paulatinamente, fui trazendo à recordação os episódios dos itinerários onde o manuseio de fontes escritas e iconográficas, *online* ou físicas, dão um sentido muito especial à própria trajetória enquanto símbolo de aquisição de capital. Daí a simples descoberta de que não sou outra coisa senão eu mesmo nessa dispersão por mim causada (Souza, 2020, p. 383).

Foi de posse dessa fala, sobre a dispersão das evidências, que me veio a ideia de expressar graficamente os arquivos que mobilizei para escrever a minha história vida, elevar o espírito acadêmico e dar a devida relevância científica aos diferentes momentos em que analisei e interpretei os momentos de minha própria existência, a partir dos vestígios por mim deixados. Então, graficamente, o leitor terá condições de verificar, de maneira objetiva na figura 1, um modelo possível de identificação dos lugares de memória acerca de uma trajetória de vida.

Dessa forma, o diagrama do constructo é um conjunto de arquivos dispersos e, ao mesmo tempo, interligados a um indivíduo; o proprietário das fontes documentais, dotado de informações e vestígios acerca de uma trajetória como pode ser verificado na figura abaixo:

Figura 1 – Diagrama do constructo

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Embora seja possível demonstrar como os arquivos estão expostos, mais ou menos organizados, ao tratar dos vestígios deixados por um indivíduo, “[...] é preciso lembrar que não há perfeição em um constructo do “eu” fonte, da mesma maneira em que a trajetória de vida não segue em linha reta” (Souza, 2020, p. 387). De qualquer modo, desde a sua confecção, o desenho do constructo de que me sirvo neste momento, tem um caráter preliminar, estando no seu centro uma das minhas importantes lembranças de quando criança, aos 9 anos de idade. Trata-se de um teste em que fui submetido pela professora que me alfabetizou, Dona Lilia. Ela é a homenageada nesse modesto desenho, especialmente onde está “Eu” constructo fonte, o círculo.

O detalhamento desse teste já foi publicado (Souza, 2020a), mas a título de curiosidade, consistiu na provocação que Dona Lilia me fez ao pedir que eu lesse a cartilha do A, B, C, e reconhecesse as letras do alfabeto independentemente da sequência “lógica da decoreba”, muito comum naquela época entre os iniciantes nas primeiras letras. Assim, ao cortar em círculo uma folha de papel em branco, como uma espécie de lente num teste na

clínica oftalmológica, a minha professora perguntou: que letra é esta?; e esta? etc. etc. Contudo, como a resposta não foi satisfatória, prontamente veio o resultado: “você não sabe a cartilha do A, B, C; você pensa que sabe”!

A base do constructo tem a ver com o tempo decorrido da trajetória; as mudanças e transformações experimentadas pelo indivíduo. Chamei essa base de tempo *(auto)biográfico inicial/transmigrações/tempo (auto)biográfico final*, para reafirmar a necessidade da periodização, ou seja, a mobilização de documentos entre dois tempos decorridos, que expressei e justifiquei, inclusive, no questionamento da tese (Souza, 2020). Além disso, chamo de *transmigrações*, as mudanças de rumo, de percepção sobre a vida, as carreiras e os estudos que fui levado a fazer durante a própria trajetória. Nesse caso específico, a minha atuação como artista, docente no ensino superior, bem como a atuação política no ambiente universitário. As *transmigrações* são as causas e efeitos dos eventos e fatos produzidos pela multiplicidade de experiências nos diferentes grupos e instituições sociais.

No centro do diagrama está uma espécie de “forame” por onde perpassam todas as interconexões dos arquivos. “Eu” constructo fonte, diz respeito ao que o indivíduo sabe, aprendeu, viveu e pode liberar ou resguardar seus saberes. Constitui a fonte que o indivíduo é, bem como é constituído na relação de seus produtos materiais e simbólicos. Essa foi uma das razões pelas quais homenageei a minha professora, porque a partir da lembrança do teste a que fui submetido, senti o que é saber ou não saber o que está disponível na sociedade, bem como a tomada de decisão para ressignificar seus códigos e valores.

O arquivo vivo, localizado na parte alta, lado esquerdo do diagrama, diz respeito às memórias do próprio (auto)biografado; seja um discurso preparado com a finalidade específica de uma pesquisa determinada, a qual ele mesmo se dispôs a fazer sobre si, seja uma fala provocada por terceiros para um projeto de investigação. Além disso, esse arquivo pode ser requerido de estudos anteriores, de algum laboratório de história oral, desde que se faça a devida referência. Ou melhor, “[...] também é possível a utilização ou reutilização de entrevistas feitas por pesquisadores sobre temas de domínio do “proprietário” do constructo, podendo, inclusive, ter sido ou não publicadas com outras finalidades [...]” (Souza, 2020, p. 386).

Por outro lado, o arquivo pessoal, pode ser composto por toda uma massa documental relacionada a vários aspectos da vida do “proprietário” do constructo; o que vai exigir do pesquisador uma garimpagem significativa para subtrair desse ambiente apenas o necessário à

investigação pretendida. Esse procedimento lembra bem o que Saviani (2006) chamaria de descarte das fontes, onde o pesquisador precisa excluir os excessos para focar nas fontes que realmente contribuirão para a compreensão do objeto de estudo. O descarte será necessário porque esse tipo de arquivo pode conter desde extratos bancários, registros de nascimento, registro de casamento, até fotografias, certificados, históricos escolares, que podem ser do “proprietário” do constructo ou de terceiros.

O arquivo da família diz respeito a documentos e todos os tipos de objetos guardados sobre o (auto)biografado, com ou sem o seu conhecimento. Esses materiais podem estar em vários lugares, seja na casa dos pais, irmãos, amigos próximos ou distantes. É um tipo de arquivo que necessita uma atenção significativa do pesquisador, onde se pode encontrar desde fotografias, o mais comum, a carteiras funcionais, bilhetes, cartas, recibos de pagamento, promessas de compra e venda etc. Esse tipo de arquivo pode estar simultaneamente em vários lugares, pois faz parte das múltiplas relações interpessoais passadas ou presentes, em casa de um ou mais amigos e familiares.

Por sua vez, o arquivo institucional pode ser, também, um dos menos controláveis pelo “proprietário” do constructo. O acesso a esse tipo de arquivo, na maioria das vezes, reverbera a burocracia da instituição pública ou privada que faz o seu resguardo, seja uma escola, universidade, empresa etc. Em muitos casos, para manuseio da documentação ali contida, haverá a necessidade de produzir outros documentos, requerimentos, ofícios, e ou formulários próprios da instituição requerida, o que pode gerar outras fontes possíveis de análise. Normalmente, o resguardo desse arquivo se dá de maneira impessoal, e a depender da “política de memória” que a instituição emprega, bem como a legislação correspondente (BRASIL, 1991), o tempo de resguardo dos documentos pode durar poucos anos ou a vida inteira.

O arquivo *on-line* pode ser considerado o maior e o mais abrangente dos ambientes de memória do (auto)biografado, especialmente se o estudo se referir a uma celebridade, que figura nos jornais, *blogs*, *facebook*, *instagram* etc. Logo, o descarte das fontes do que trata Saviani (2006) precisa ser significativo, pois a quantidade de informações pode ser quase infinita nesse tipo de arquivo, o que exigirá habilidade e disciplina do pesquisador ao escarafunchar um ambiente com essas características. “Assim, quando digo que esse diagrama é a composição de meu constructo, estou dizendo que são as minhas evidências, minhas

ligações sociais em meu itinerário” (Souza, 2020, p. 388), razão pela qual haverá sempre abundância de fontes, seja qual for a característica de seu “proprietário”.

Por fim, o arquivo científico pode ser considerado o mais controlável pelo pesquisador. É provável que a documentação resguardada nesse tipo de arquivo esteja em lugar facilmente conhecido da sociedade, como bibliotecas, universidades, periódicos científicos. Na maioria das vezes, não sendo o (auto)biografado uma celebridade das artes, da política ou da ciência, o pesquisador terá facilmente em mãos livros, capítulos de livros, artigos, dissertações e teses, o que facilitará a análise documental do que necessitará para o estudo de trajetórias e, conseqüentemente, identificar as transmigrações ocorridas numa determinada temporalidade: as mudanças, tensões e permanências de um itinerário.

Esse é um tipo específico de arquivo em que o pesquisador pode ter facilmente em suas mãos, seja porque investiga a trajetória de determinado indivíduo, objeto de estudo, e, em particular, se a investigação diz respeito a um autorretrato em sua construção narrativa. Desse modo, foi pensando nesse tipo de arquivo que consegui unir de uma só vez todos os meus livros e capítulos de livros, dissertação e tese para interpretar as ideias que possuía em um determinado momento da trajetória, as *transmigrações* por mim vividas, e as ideias atuais sobre os meus itinerários.

Todavia, considerando a composição do diagrama do constructo enquanto um dos procedimentos que submeti a análise e interpretação da minha trajetória de vida, é oportuno apresentar, ainda que de forma sucinta, a diversidade de fontes que utilizei e os tipos de arquivos correspondentes, na dinâmica de um estudo autobiográfico. É o que mostrarei no quadro 1.

Quadro 1 – Tipos de fontes e tipos de arquivos

Tipologia das fontes	Tipo de arquivo
Fontes orais	Arquivo vivo Arquivo institucional <i>on-line</i> , do LAHOI
Jornais	Arquivo institucional físico, arquivo <i>on-line</i>
Certificados; históricos escolares, carteiras estudantis e crachás	Arquivos institucionais físicos; arquivo pessoal, arquivo da família
Portarias, nomeações, progressões e processos	Arquivo institucional físico; arquivo pessoal

Artigos científicos	Arquivo <i>on-line</i> ; arquivo pessoal
Currículo Lattes	Arquivo institucional do CNPq <i>on-line</i>
Capas de livro	Arquivo pessoal
Fotografias	Arquivos institucionais físicos; arquivo pessoal, arquivo da família
<i>Print</i> de programa de tevê	Arquivo <i>on-line</i> , no <i>Youtube</i>
Fotografias	Arquivo pessoal; arquivo da família, arquivos institucionais físicos e <i>on-line</i>
Livros, monografia, dissertações e teses	Arquivo pessoal; arquivo institucional <i>on-line</i>

Fonte: Souza (2020, p. 126).

Esse quadro foi produzido, originalmente, para sintetizar o *corpus* documental e a respectiva unidade de preservação, ou seja, os arquivos e a propriedade de suas características, conforme apresentado no diagrama do constructo. Há de se verificar, no entanto, que as fontes surgem de diferentes tipologias de arquivos, em processo de interconectividade, exigindo, dessa maneira, uma reorganização das evidências para efeito de análise e interpretação, cujo impacto resultou no próprio diagrama como foi desenhado. Tudo isso diz respeito a “[...] temporalidade autobiográfica e a razão narrativa correspondente às recordações e a busca de documentação referente à trajetória” (SOUZA, 2020, p. 105). Porém, para melhor compreensão desse *corpus* documental, cenário e formas de aquisição, bem como o seu manuseio, é preciso uma leitura minuciosa que pode ser realizada no estudo original (SOUZA, 2020).

Considerações finais

Enquanto representação gráfica, o constructo do “eu” fonte foi uma maneira de mitigar as minhas preocupações, sobretudo, a de conseguir validar, cientificamente, a minha experiência pessoal. Mas, também, a de deixar uma marca da minha trajetória, historicizando a própria experiência de vida profissional enquanto evidência de tensões, de retrocessos e de sucessos, uma das minhas formas de aprendizagens; a biografização, produto e sentido, conforme Alheit (2011).

O diagrama, por consequência, é a expressão gráfica dos tempos e lugares das memórias de um determinado indivíduo, onde cada arquivo guarda momentos importantes da trajetória de uma pessoa: os produtos de seu trabalho, suas tensões e moções; as curvas, as linhas retas ou interrompidas. Como percebido, esse diagrama pode expressar as múltiplas relações de um indivíduo e os outros de seu grupo social ou institucional por onde foi estabelecido um determinado itinerário, deixando os vestígios familiares, profissionais, políticos, acadêmico-científicos etc.

Os arquivos, da maneira como estão aludidos no constructo, podem ser compreendidos como unidades de conservação da memória, uma espécie de recipiente dos vestígios deixados pelo indivíduo, que está à espera do encontro com um pesquisador, mas, ao mesmo tempo, será por este construído e devidamente identificado no resguardo das fontes sob análise. Alguns desses arquivos, por vezes, se inter cruzam por iniciativa do seu proprietário ou por quem do arquivo faz uso, mas, também, por ser um dos espectros de conservação da memória, muitos deles já se conectam socialmente pela natureza de seu conteúdo.

Destarte, o constructo do “eu” fonte, com todos os seus arquivos, pode cumprir um papel importante no suporte das pesquisas em educação, revelando não apenas os meandros de uma trajetória de vida, mas, sobretudo, tendências e práticas educativas, sistemas educacionais e representação das instituições em um determinado espaço-temporal, gerando, portanto, aprendizagem e novo conhecimento.

Referências

ALHEIT, Peter. “Biografização” como competência-chave na modernidade. Tradução Jorge Luiz Cunha e Rosani Ursula Umbach. **Revista da FAEEB** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 20, n. 36, p. 31-41, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/297>. Acesso em: 29 set. 2023. DOI: <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.v20.n36>.

BRASIL. Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a Política Nacional de Arquivos Públicos e Privados e dá outras Providências. Brasília, DF, ano 103.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016. Disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526/1711>. Acesso em: 30 de set.2023.

MARQUES, Valéria; SATRIANO, Cecília. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 23, n. 51. p. 369-386, jun./set. 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1935/193554180008>. Acesso em: 30 set. 2023.

ELIAS, Norbert. **Envolvimento e alienação**. Trad. Alvaro de Sá. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1998.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. 6. ed. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. **Revista HISTEDBR on-line**, Campinas, n. especial, p. 28-35, ago. 2006. Disponível em: http://www.histedbr.fe.UNICAMP.br/revista/edicoes/22e/art5_22e.pdf. Acesso em: 08 set. 2023.

SOUZA, Edilson Fernandes de. A Arte de orientar no uso dos métodos e das fontes. *In:_____* (Org.). **Histórias e memórias da educação em Pernambuco**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

SOUZA, Edilson Fernandes de. **À luz do candeeiro e o constructo do “eu” fonte. Educação pela arte, ciência e política**. 2020. 459 f. Tese (Promoção para classe E – Professor Titular) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Educação Física, Recife, 2020.

SOUZA, Edilson Fernandes de. Tese autobiográfica: os procedimentos para o constructo do “eu” fonte. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v 5, n.14, p. 777-795, maio/ago. 2020a. Disponível em <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7815>. Acesso em 28 de out. 2023.